

<Titulo da Obra>, de <Autor>

Fonte:

SOUZA, João da Cruz e. Últimos Sonetos. Rio de Janeiro : Editora da UFSC / Fundação Casa de Rui Barbosa / FCC, 1984.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Página Virtual sobre o Poeta Simbolista Cruz e Souza - <http://www.cbj.g12.br/cs.html>

Autores: Robson Benta e Borges de Garuva

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)> e saiba como isso é possível.

# Últimos Sonetos

Cruz e Souza

## ÍNDICE

Piedade

Caminho da Glória

Preso do ódio

Alucinação

Vida obscura

Conciliação

Glória

A Perfeição

Madona da Tristeza

De alma em alma

Ironia de lágrimas

O grande Momento

Prodígio!

Cogitação

Grandeza oculta

Voz fugitiva

Quando será?!

Imortal atitude

Livre!

Cárcere das almas

Supremo Verbo

Vão Arrebatamento

Benditas cadeias!

Único remédio

Floresce!

Deus do Mal

A harpa  
Almas indecisas...  
Abrigo celeste  
Mudez perversa  
Coração confiante  
Espírito Imortal  
Crê!  
Alma fatigada  
Flor nirvanizadas  
Feliz!  
Cruzada nova  
O Soneto  
Fogos-fátuos  
Mundo inacessível  
Consolo amargo  
Vinho negro  
Eternos atalaias  
Perante a Morte  
O Assinalado  
Acima de tudo  
Imortal Falerno  
Luz da Natureza  
Asas abertas  
Velho  
Eternidade retrospectiva  
Alma mater  
O Coração  
Invulnerável  
Lírio lutuoso  
A Grande Sede  
Domus aurea  
Um Ser  
O Grande Sonho  
Condenação fatal  
[Alma ferida]  
Alma solitária  
Visionários  
Demônios  
Ódio sagrado  
Exortação  
Bondade  
Na Luz  
Cavador do Infinito  
Santos óleos  
Sorriso interior  
Mealheiro de almas  
Espasmos...

Evocação  
No seio da Terra

Anima mea  
Sempre o Sonho  
Aspiração suprema  
Inefável!  
Ser dos Seres  
Sexta-Feira Santa  
Sentimento esquisito  
Clamor supremo  
Ansiedade  
Grande Amor  
Silêncios  
A Morte  
Só!  
Fruto envelhecido  
Êxtase búdico  
Triunfo supremo  
Assim seja!  
Renascimento  
Pacto das Almas: Para Sempre  
Pacto das Almas: Longe de Tudo  
Pacto das Almas: Alma das Almas

## *Piedade*

O coração de todo o ser humano  
Foi concebido para ter piedade,  
Para olhar e sentir com caridade  
Ficar mais doce o eterno desengano.

Para da vida em cada rude oceano  
Arrojar, através da imensidade,  
Tábuas de salvação, de suavidade,  
De consolo e de afeto soberano.

Sim! Que não ter um coração profundo  
É os olhos fechar à dor do mundo,  
ficar inútil nos amargos trilhos.

É como se o meu ser campadecido  
Não tivesse um soluço comovido  
Para sentir e para amar meus filhos!

Caminho da Glória

Este caminho é cor de rosa e é de ouro,  
Estranhos roseirais nele florescem,  
Folhas augustas, nobres reverdecem  
De acanto, mirto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o tesouro

Pelo qual tantas almas estremecem;  
É por aqui que tantas almas descem  
Ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,  
Que cruzam, descem, trêmulos, sonhando,  
Neste celeste, límpido caminho.

Os seres virginais que vêm da Terra,  
Ensangüentados da tremenda guerra,  
Embebedados do sinistro vinho.

Presa do ódio

Da tu'alma na funda galeria  
Descendo às vezes, eu às vezes sinto  
Que como o mais feroz lobo faminto  
Teu ódio baixo de alcatéia espia.

Do Desespero a noite cava e fria,  
De boêmias vis o pérfido absinto  
Pôs no teu ser um negro labirinto,  
Desencadeou sinistra ventania.

Desencadeou a ventania rouca,  
surda, tremenda, desvairada, louca,  
Que a tu'alma abalou de lado a lado.

Que te infalamou de cóleras supremas  
e deixou-te nas trágicas algemas  
Do teu ódio sangrento acorrentado!

Alucinação

Ó solidão do Mar, ó amargor das vagas,  
Ondas em convulsões, ondas em rebeldia,  
Desespero do Mar, furiosa ventania,  
Boca em fel dos tritões engasgada de pragas.

Velhas chagas do sol, ensangüentadas chagas  
De ocasos purpúrais de atroz melancolia,  
Luas tristes, fatais, da atra mudez sombria  
Da trágica ruína em vastidões pressagas.

Para onde tudo vai, para onde tudo voa,  
Sumido, confundido, esboroadado, à-toa,  
No caos tremendo e nu dos tempo a rolar?

Que Nirvana genial há de engolir tudo isto -  
- Mundos de Inferno e Céu, de Judas e de cristo,

Luas, chagas do sol e turbilhões do Mar?!

Vida obscura

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,  
Ó ser humilde entre os humildes seres.  
Embriagado, tonto dos prazeres,  
O mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste num silêncio escuro  
A vida presa a trágicos deveres  
E chegaste ao saber de altos saberes  
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém Te viu o sentimento inquieto,  
Magoado, oculto e aterrador, secreto,  
Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos  
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços  
E o teu suspiro como foi profundo!

Conciliação

Se essa angústia de amar te crucifica,  
Não és da dor um simples fugitivo:  
Ela marcou-te com o sinete vivo  
Da sua estranha majestade rica.

És sempre o Assinalado ideal que fica  
Sorrindo e contemplando o céu altivo;  
Dos Compassivos és o compassivo,  
Na Transfiguração que glorifica.

Nunca mais de tremer terás direito...  
Da Natureza todo o Amor perfeito  
Adorarás, venerarás contrito.

Ah! Basta encher, eternamente basta  
Encher, encher toda esta Esfera vasta  
Da convulsão do teu soluço aflito!

Glória

Florescimentos e florescimentos!  
Glória às estrelas, glória às aves, glória  
À natureza! Que a minh'alma flórea  
Em mais flores flori de sentimentos.

Glória ao Deus invisível dos nevoentos

Espaços! glória à lua merencória,  
Glória à esfera dos sonhos, à ilusória  
Esfera dos profundos pensamentos.

Glória ao céu, glória à terra, glória ao mundo!  
Todo o meu ser é roseiral fecundo  
De grandes rosas de divino brilho.

Almas que floresceis no Amor eterno!  
Vinde gozar comigo este falerno,  
Esta emoção de ver nascer um filho!

#### A Perfeição

A Perfeição é a celeste ciência  
Da cristalização de almos encantos,  
De abandonar os mórbidos quebrantos  
E viver de uma oculta florescência.

Noss'alma fica da clarividência  
Dos astros e dos anjos e dos santos,  
Fica lavada na lustral dos prantos,  
É dos prantos divina e pura essência.

Noss'alma fica como o ser que às lutas  
As mãos conserva limpas, impolutas,  
Sem as manchas do sangue mau da guerra.

A Perfeição é a alma estar sonhando  
Em soluços, soluços, soluçando  
As agonias que encontrou na Terra.!

#### Madona da Tristeza

Quando te escuto e te olho reverente  
E sinto a tua graça triste e bela  
De ave medrosa, tímida, singela,  
Fico a cismar enternecidamente.

Tua voz, teu olhar, teu ar dolente  
Toda a delicadeza ideal revela  
E de sonhos e lágrimas estrela  
O meu ser comovido e penitente.

Com que mágoa te adoro e te contemplo,  
Ó da Piedade soberano exemplo,  
Flor divina e secreta da Beleza.

Os meus soluços enchem os espaços  
Quando te aperto nos estreitos braços,

solitária madona da Tristeza!

De alma em alma

Tu andas de alma em alma errando, errando,  
como de santuário em santuário.  
És o secreto e místico templário  
As almas, em silêncio, contemplando.

Não sei que de harpas há em ti vibrando,  
que sons de peregrino estradivário  
Que lembras reverências de sacrário  
E de vozes celestes murmurando.

Mas sei que de alma em alma andas perdido  
Atrás de um belo mundo indefinido  
De silêncio, de Amor, de Maravilha.

Vai! Sonhador das nobres reverências!  
A alma da Fé tem dessas florescências,  
Mesmo da Morte ressuscita e brilha!

Ironia de lágrimas

Junto da Morte é que floresce a Vida!  
Andamos rindo junto à sepultura.  
A boca aberta, escancarada, escura  
Da cova é como flor apodrecida.

A Morte lembra a estranha Margarida  
Do nosso corpo, Fausto sem ventura...  
Ela anda em torno a toda a criatura  
Numa dança macabra indefinida.

Vem revestida em suas negras sedas  
E a marteladas lúgubres e tredas  
Das ilusões o eterno esquife prega.

E adeus caminhos vãos, mundos risonhos,  
Lá vem a loba que devora os sonhos,  
Faminta, absconsa, imponderada, cega!

O grande Momento

Inicia-te, enfim, Alma imprevista,  
Entra no seio dos Iniciados.  
Esperam-te de luz maravilhados  
Os Dons que vão te consagrar Artista.

Toda uma Esfera te deslumbra a vista,

Os ativos sentidos requintados.  
Céus e mais céus e céus transfigurados  
Abrem-te as portas da imortal Conquista.

Eis o grande Momento prodigioso  
Para entrares sereno e majestoso  
Num mundo estranho d'esplendor sidéreo.

Borboleta de sol, surge da lesma...  
Oh! vai, entra na posse de ti mesma,  
Quebra os selos augustos do Mistério!

Prodígio!

Como o Rei Lear não sentes a tormenta  
Que te desaba na fatal cabeça!  
(Que o céu d'estrelas todo resplandeça.)  
A tua alma, na Dor, mais nobre aumenta.

A Desventura mais sanguinolenta  
Sobre os teus ombros impiedosa desça,  
Seja a treva mais funda e mais espessa,  
Todo o teu ser em músicas rebenta.

Em músicas e em flores infinitas  
De aromas e de formas esquisitas  
E de um mistério singular, nevoento...

Ah! só da Dor o alto farol supremo  
Consegue iluminar, de extremo a extremo,  
o estranho mar genial do Sentimento!

Cogitação

Ah! mas então tudo será baldado?!  
Tudo desfeito e tudo consumido?!  
No Ergástulo d'ergástulos perdido  
Tanto desejo e sonho soluçado?!

Tudo se abismará desesperado,  
Do desespero do Viver batido,  
Na convulsão de um único Gemido  
Nas entranhas da Terra concentrado?!

nas espirais tremendas dos suspiros  
A alma congelará nos grandes giros,  
Ratejará e rugirá rolando?!

Ou entre estranhas sensações sombrias,  
Melancolias e melancolias,



No eixo da alma de Hamlet irá girando?!

Grandeza oculta

Estes vão para as guerras inclementes,  
Os absurdos heróis sanguinolentos,  
Alvorçados, tontos e sedentos  
Do clamor e dos ecos estridentes.

Aqueles para os frívolos e ardentes  
Prazeres de acres inebriamentos:  
Vinhos, mulheres, arrebatamentos  
De luxúrias carnavais, impenitentes.

Mas Tu, que na alma a imensidade fechas,  
Que abriste com teu Gênio fundas brechas  
no mundo vil onde a maldade exulta,

Ó delicado espírito de Lendas!  
Fica nas tuas Graças estupendas,  
No sentimento da grandeza oculta!

Voz fugitiva

Às vezes na tu'alma que adormece  
Tanto e tão fundo, alguma voz escuto  
De timbre emocional, claro, impoluto  
Que uma voz bem amiga me parece.

E fico mudo a ouvi-la como a prece  
De um meigo coração que está de luto  
E livre, já, de todo o mal corruto,  
Mesmo as afrontas mais cruéis esquece.

Mas outras vezes, sempre em vão, procuro  
Dessa voz singular o timbre puro,  
As essências do céu maravilhosas.

Procuro ansioso, inquieto, alvorçado,  
Mas tudo na tu'alma está calado,  
No silêncio fatal das nebulosas.

Quando será?!

Quando será que tantas almas duras  
Em tudo, já libertas, já lavadas  
nas águas imortais, iluminadas  
Do sol do Amor, não de ficar bem puras?

Quando será que as límpidas frescuras

Dos claros rios de ondas estreladas  
Dos céus do Bem, hão de deixar clareadas  
Almas vis, almas vãs, almas escuras?

Quando será que toda a vasta Esfera,  
Toda esta constelada e azul Quimera,  
Todo este firmamento estranho e mudo,

Tudo que nos abraça e nos esmaga,  
quando será que uma resposta vaga,  
Mas tremenda, hão de dar de tudo, tudo?!

Imortal atitude

Abre os olhos à Vida e fica mudo!  
Oh! Basta crer indefinidamente  
Para ficar iluminado tudo  
De uma luz imortal e transcendente.

Crer é sentir, como secreto escudo,  
A alma risonha, lúcida, vidente...  
E abandonar o sujo deus cornudo,  
O sátiro da Carne impenitente.

Abandonar os lânguidos rugidos,  
O infinito gemido dos gemidos  
Que vai no lodo a carne chafurdando.

Erguer os olhos, levantar os braços  
Para o eterno Silêncio dos Espaços  
E no Silêncio emudecer olhando...

Livre!

Livre! Ser livre da materia escrava,  
Arrancar os grilhões que nos flagelam  
E livre, penetrar nos Dons que selam  
A alma e lhe emprestam toda a etérea lava.

Livre da humana, da terrestre bava  
Dos corações daninhos que regelam  
Quando os nossos sentidos se rebelam  
Contra a Infâmia bifronte que deprava.

Livre! bem livre para andar mais puro,  
Mais junto à Natureza e mais seguro  
Do seu amor, de todas as justiças.

Livre! para sentir a Natureza,  
Para gozar, na universal Grandeza,

Fecundas e arcangélicas preguiças.

Cárcere das almas

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,  
Soluçando nas trevas, entre as grades  
Do calabouço olhando imensidades,  
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza  
Quando a alma entre grilhões as liberdades  
Sonha e, sonhando, as imortalidades  
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas  
Nas prisões colossais e abandonadas,  
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,  
que chaveiro do Céu possui as chaves  
para abrir-vos as portas do Mistério?!

Supremo Verbo

- Vai, Peregrino do caminho santo,  
Faz da tu'alma lâmpada do cego,  
Iluminando, pego sobre pego,  
As invisíveis amplidões do Pranto.

Ei-lo, do Amor o Cálix sacrossanto!  
Bebe-o, feliz, nas tuas mãos o entrego...  
És o filho leal, que eu não renego,  
Que defendo nas dobras do meu manto.

Assim ao Poeta a Natureza fala!  
Enquanto ele estremece ao escutá-la,  
Transfigurado de emoção, sorrindo...

Sorrindo a céus que vão se desvendando,  
A mundos que vão se multiplicando,  
A portas de ouro que vão se abrindo!

Vão Arrebatamento

Partes um dia das Curiosidades  
Do teu ser singular, partes em busca  
De almas irmãs, cujo esplendor ofusca  
As celestes, divinas claridades.

Rasgas terras e céus, imensidades,

Dos perigos da Vida a vaga brusca,  
Queima-te o sol que na Amplidão corusca  
E consola-te a lua das saudades.

Andas por toda a parte, em toda a parte  
A sedução das almas a falar-te,  
Como da Terra luminosos marcos.

E a sorrir e a gemer e soluçando  
Ah! Sempre em busca de almas vais andando  
Mas em vez delas encontrando charcos!

Benditas cadeias!

Quando vou pela Luz arrebatado,  
Escravo dos mais puros sentimentos  
Levo secretos estremecimentos  
Como quem entra em mágico Noivado.

Cerca-me o mundo mais transfigurado  
Nesses sutis e cândidos momentos...  
Meus olhos, minha boca vão sedentos  
De luz, todo o meu ser iluminado.

Fico feliz por me sentir escravo  
De um Encanto maior entre os Encantos,  
Livre, na culpa, do mais leve travo.

De ver minh'alma com tais sonhos, tantos,  
E que por fim me purifico e lavo  
Na água do mais consolador dos prantos

Único remédio

Como a chama que sobe e que se apaga  
Sobem as vidas a espiral de Inferno.  
O desespero é como o fogo eterno  
Que o campo quieo em convulsões alaga...

Tudo é veneno, tudo cardo e praga!  
E al almas que têm sede de falerno  
Bebem apenas o licor moderno  
Do tédio pessimista que as esmaga.

Mas a Caveira vem se aproximando,  
Vem exótica e nua, vem dançando,  
No estrambotismo lúgubre vem vindo.

E tudo acaba então no horror insano -  
- Desespero do Inferno e tédio humano -

Quando, d'esguelha, a Morte surge, rindo...

Floresce!

Floresce, vive para a Natureza,  
Para o Amor imortal, largo e profundo.  
O Bem supremo de esquecer o mundo  
Reside nessa límpida grandeza.

Floresce para a Fé, para a Beleza  
Da Luz que é como um vasto mar sem fundo,  
Amplio, inflamado, mágico, fecundo,  
De ondas de resplendor e de pureza.

Andas em vão na Terra, apodrecendo  
À toa pelas trevas, esquecendo  
A Natureza e os seus aspectos calmos.

Diante da luz que a Natureza encerra  
Andas a apodrecer por sobre a Terra,  
Antes de apodrecer nos sete palmos!

Deus do Mal

Espírito do Mal, ó deus perverso  
Que tantas almas dúbias acalenta,  
Veneno tentador na luz disperso  
Que a própria luz e a própria sombra tentas.

Símbolo atroz das culpas do Universo,  
Espelho fiel das convulsões violentas  
Do gasto coração no lodo imerso  
Das tormentas vulcânicas, sangrentas.

Toda a tua sinistra trajetória  
Tem um brilho de lágrima ilusória,  
As melodias mórbidas do Inferno...

És Mal, mas sendo Mal és soluçante,  
Sem a graça divina e consolante,  
Réprobo estranho do Perdão eterno!

A harpa

Prende, arrebatada, enleva, atrai, consola  
A harpa tangida por convulsos dedos,  
Vivem nela mistérios e segredos,  
É berceuse, é balada, é barcarola.

Harmonia nervosa que desola,

Vento noturno dentre os arvoredos  
A erguer fantasmas e secretos medos,  
Nas suas cordas um soluço rola...

Tu'alma é como esta harpa peregrina  
Que tem sabor de música divina  
E só pelos eleitos é tangida.

Harpa dos céus que pelos céus murmura  
E que enche os céus da música mais pura,  
como de uma saudade indefinida.

Almas indecisas...

Almas ansiosas, trêmulas, inquietas,  
Fugitivas abelhas delicadas  
Das colméias de luz das alvoradas,  
Almas de melancólicos poetas.

Que dor fatal e que emoções secretas  
vos tornam sempre assim desconsoladas,  
Na pungência de todas as espadas,  
Na dolência de todos os ascetas?!

Nessa esfera em que andais, sempre indecisa,  
Que tormento cruel vos nirvaniza,  
Que agonias titânicas são estas?!

Por que não vindes, Almas imprevistas,  
Para a missão das límpidas Conquistas  
E das augustas, imortais Promessas?!

Abrigo celeste

Estrela triste a refletir na lama,  
Raio de luz a cintilar na poeira,  
Tens a graça sutil e feiticeira,  
A doçura das curvas e da chama.

Do teu olhar um fluido se derrama  
De tão suave, cândida maneira  
Que és a sagrada pomba alvissareira  
Que para o Amor toda aminh'alma chama.

Meu ser anseia por teu doce apoio,  
Nos outros seres só encontra joio  
Mas só no teu todo o divino trigo.

Sou como um cego sem bordão de arrimo  
Que do teu ser, tateando, me aproximo

Como de um céu de carinhoso abrigo.

Mudez perversa

Que mudez infernal teus lábios cerra  
Que ficas vago, para mim olhando,  
Na atitude de pedra, concentrando  
No entanto, n'alma, convulsões de guerra!

A mim tal fel essa mudez encerra,  
Tais demônios revéis a estão forjando  
Que antes te visse morto, desabando  
Sobre o teu corpo grossas pás de terra.

Não te quisera nesse atroz e sumo  
Mutismo horrível que não gera nada,  
Que não diz nada, não tem fundo e rumo.

Mutismo de tal dor desesperada,  
Que quando o vou medir com o estranho prumo  
Da alma fico com a alma alucinada!

Coração confiante

O coração que sente vai sozinho,  
Arrebatado, sem pavor, sem medo...  
Leva dentro de si raro segredo  
Que lhe serve de guia no Caminho.

Vai no alvoroço, no celeste vinho  
Da luz os bosques acordando cedo,  
Quando de cada trêmulo arvoredado  
Parte o sonoro e matinal carinho.

E o Coração vai nobre e vai confiante,  
Festivo como a flâmula radiante  
Agitada bizarra pelos ventos...

Vai palpitando, ardente, emocionado  
O velho Coração arrebatado,  
Prerso por loucos arrebatamentos!

Espírito Imortal

Espírito imortal que me fecundas  
Com a chama dos viris entusiasmos,  
Que transformas em gládios os sarcasmos  
Para punir as multidões profundas!

Ó alma que transbordas, que me inundas

De brilhos, de ecos, de emoções, de pasmos  
E fazes acordar de atros marasmos  
Minh'alma, em tédios por charnecas fundas.

Força genial e sacrossanta e augusta,  
Divino Alerta para o Esquecimento,  
Voz companheira, carinhosa e justa.

Tens minha Mão, num doce movimento,  
Sobre essa Mão angélica e robusta,  
Espírito imortal do Sentimento!

Crê!

Vê como a Dor te transcendentaliza!  
Mas no fundo da Dor crê nobremente.  
Transfigura o teu ser na força crente  
Que tudo torna belo e diviniza.

Que seja a Crença uma celeste brisa  
Inflando as velas dos batéis do Oriente  
Do teu Sonho supremo, onipotente,  
Que nos astros do céu se cristaliza.

Tua alma e coração fiquem mais graves,  
Iluminados por carinhos suaves,  
Na doçura imortal sorrindo e crendo...

Oh! Crê! Toda a alma humana necessita  
De uma Esfera de cânticos, bendita,  
Para andar crendo e para andar gemendo!

Alma fatigada

Nem dormir nem morrer na fria Eternidade!  
Mas repousar um pouco e repousar um tanto,  
Os olhos enxugar das convulsões do pranto,  
Enxugar e sentir a ideal serenidade.

A graça do consolo e da tranqüilidade  
De um céu de carinhoso e perfumado encanto,  
Mas sem nenhum carnal e mórbido quebranto,  
Sem o tédio senil da vã perpetuidade.

Um sonho lirial d'estrelas desoladas  
Onde as almas febris, exaustas, fatigadas  
Possam se recordar e repousar tranqüilas!

Um descanso de Amor, de celestes miragens,  
Onde eu goze outra luz de místicas paisagens



E nunca mais pressinta o remexer de argilas!

Flor nirvanizadas

Ó cegos corações, surdos ouvidos,  
Bocas inúteis, sem clamor, fechadas,  
Almas para os mistérios apagadas,  
Sem segredos, sem eco e sem gemidos.

Consciências hirsutas de bandidos,  
Vesgas, nefandas e desmanteladas,  
Portas de ferro, com furor trancadas,  
Dos ócios maus históricos Vencidos.

Desenterrai-vos das sangrentas furnas  
Sinistras, cabalísticas, noturnas  
Onde ruge o Pecado caudaloso...

Fazei da Dor, do triste Gozo humano,  
A Flor do Sentimento soberano,  
A Flor nirvanizada de outro Gozo!

Feliz!

Ser de beleza, de melancolia,  
Espírito de graça e de quebranto,  
Deus te bendiga o doloroso pranto,  
Enxugue as tuas lágrimas um dia.

Se a tu'alma é d'estrela e d'harmonia,  
Se o que vem dela tem divino encanto,  
Deus a proteja no sagrado manto,  
No céu, que é o vale azul da Nostalgia.

Deus a proteja na felicidade  
Do sonho, do mistério, da saudade,  
De cânticos, de aroma e luz ardente.

E sê feliz e sê feliz subindo,  
Subindo, a Perfeição na alma sentindo  
Florir e alvorecer libertamente!

Cruzada nova

Vamos saber das almas os segredos,  
Os círculos patéticos da Vida,  
Dar-lhes a luz do Amor compadecida  
E defendê-las dos secretos medos.

Vamos fazer dos áridos rochedos

Manar a água lustral e apetejada,  
Pelos ansiosos corações bebida  
No silêncio e na sombra d'arvoredos.

Essas irmãs furtivas das estrelas,  
Se não formos depressa defendê-las,  
Morrerão sem encanto e sem carinho.

Paladinos da límpida Cruzada!  
Conquistemos, sem lança e sem espada,  
As almas que encontrarmos no Caminho.

### O Soneto

Nas formas voluptuosas o soneto  
Tem fascinante, cálida fragrância  
E as leves, langues curvas de elegância  
De extravagante e mórbido esqueleto.

A graça nobre e grave do quarteto  
Recebe a original intolerância,  
Toda a sutil, secreta extravagância  
Que transborda terceto por terceto.

E como um singular polichinelo  
Ondula, ondeia, curioso e belo,  
O Soneto , nas formas caprichosas.

As rimas dão-lhe a púrpura vetusta  
E nas mais rara procissão augusta  
Surge o Sonho das almas dolorosas...

### Fogos-fátuos

Há certas almas vãs, galvanizadas  
De emoção, de pureza, de bondade,  
Que como toda a azul imensidade  
Chegam a ser de súbito estreladas.

E ficam como que transfiguradas  
Por momentos, na vaga suavidade  
De quem se eleva com serenidade  
Às risonhas, celestes madrugadas.

Mas nada às vezes nelas corresponde  
Ao sonho e ninguém sabe mais por onde  
Anda essa falsa e fugitiva chama...

É que no fundo, na secreta essência,  
Essas almas de triste decadência

São lama sempre e sempre serão lama.

Mundo inacessível

Tu'alma lembra um mundo inacessível  
Onde só astros e águias vão pairando,  
Onde só se escuta, trágica, cantando,  
A sinfonia da Amplidão terrível!

Alma nenhuma, que não for sensível,  
Que asas não tenha para as ir vibrando,  
Essa região secreta desvendando,  
Falece, morre, num pavor incrível!

É preciso ter asas e ter garras  
Para atingir aos ruídos de fanfarras  
Do mundo da tu'alma augusta e forte.

É preciso subir ígneas montanhas  
E emudecer, entre visões estranhas,  
Num sentimento mais sutil que a Morte!

Consolo amargo

Mortos e mortos, tudo vai passando,  
Tudo pelos abismos se sumindo...  
Enquanto sobre a Terra ficam rindo  
Uns, e já outros, pálidos, chorando...

Todos vão trêmulos finalizando,  
Para os gelados túmulos partindo,  
Descendo ao tremedal eterno, infindo,  
Mortos e mortos, num sinistro bando.

Tudo passa espectral e doloroso,  
Pulverulentamente nebuloso  
Como num sonho, num fatal letargo...

Mas, de quem chora os mortos, entretanto,  
O Esquecimento vem e enxuga o pranto,  
E é esse apenas o consolo amargo!

Vinho negro

O vinho negro do imortal pecado  
Envenenou nossas humanas veias  
Como fascinações de atras sereias  
E um inferno sinistro e perfumado.

O sangue canta, o sol maravilhado

Do nosso corpo, em ondas fartas, cheias.  
como que quer rasgar essas cadeias  
Em que a carne o retém acorrentado.

E o sangue chama o vinho negro e quente  
Do pecado letal, impenitente,  
O vinho negro do pecado inquieto.

E tudo nesse vinho mais se apura,  
Ganha outra graça, forma e formosura,  
Grave beleza d'esplendor secreto.

Eternos atalaias

Os sentimentos servem de atalaias  
Para guiar as multidões errantes  
Que caminham tremendo, vacilantes  
Pelas desertas, infinitas praias...

Abrangendo da Terra as fundas raias,  
Atingindo as esferas mais distantes,  
São como incensos, mirras odorantes,  
Miraculosas, fúlgidas alfaias.

Tudo em que logo transfiguram,  
Encantam tudo,tudo em torno apuram,  
Penetram, sem cessar, por toda parte.

Alma por alma em toda a parte inflamam.  
E grandes, largos, imortais, derramam  
As melancólicas estrelas d'Arte!

Perante a Morte

Perante a Morte empalidece e treme,  
Treme perante a Morte, empalidece.  
Coroa-te de lágrimas, esquece  
O Mal cruel que nos abismos geme.

Ah! longe o Inferno que flameja e freme,  
Longe a Paizão que só no horror floresce...  
A alma precisa de silêncio e prece,  
Pois na prece e silêncio nada teme.

Silêncio e prece no fatal segredo,  
Perante o pasmo do sombrio medo  
Da morte e os seus aspectos reverentes...

Silêncio para o desespero insano,  
O furor gigantesco e sobre-humano,

A dor sinistra de ranger os dentes!

O Assinalado

Tu és o louco da imortal loucura,  
O louco da loucura mais suprema.  
A Terra é sempre a tua negra algema,  
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,  
Mas essa mesma Desventura extrema  
Faz que tu'alma suplicando gema  
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado  
Que povoas o mundo despovoado,  
De belezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica  
Toda a audácia dos nervos justifica  
Os teus espasmos imortais de louco!

Acima de tudo

Da gota d'água de um carinho agreste  
Geram-se os oceanos da Bondade.  
O coração que é livre e bom reveste  
Tudo d'encanto e simples majestade.

Ascender para a Luz é ser celeste,  
Novos astros sentir na imensidade  
Da alma e ficar nessa inconsútil veste  
Da divina e serena claridade.

O que é consolador e o que é supremo  
Cada alma encontra no caminho extremo,  
Quando atinge às estrelas da pureza.

É apenas trazer o Ser liberto  
De tudo e transformar cada deserto  
Num sonho virginal da Natureza!

Imortal Falerno

Quando as Esferas da Ilusão transponho  
Vejo sempre tu'alma - essa galera  
Feita das rosas brancas da Quimera,  
Sempre a vagar no estranho mar do Sonho.

Nem aspecto nublado nem tristonho!

Sempre uma doce e constelada Esfera,  
Sempre uma voz clamando: - espera, espera,  
Lá do fundo de um céu sempre risonho.

Sempre uma voz dos Ermos, das Distâncias!  
Sempre as longínquas, mágicas fragrâncias  
De uma voz imortal, divina, pura...

E tua boca, Sonhador eterno,  
Sempre sequiosa desse azul falerno  
Da Esperança do céu que te procura!

Luz da Natureza

Luz que eu adoro, grande Luz que eu amo,  
Movimento vital da Natureza,  
Ensina-me os segredos da Beleza  
E de todas as vozes por quem chamo.

Mostra-me a Raça, o peregrino Ramo  
Dos Fortes e dos Justos da Grandeza,  
Ilumina e suaviza esta rudeza  
Da vida humana, onde combato e clamo.

Desta minh'alma a solidão de prantos  
Cerca com os teus leões de brava crença,  
Defende com os teus gládios sacrossantos.

Dá-me enlevos, deslumbra-me, da imensa  
Porta esferal, dos constelados mantos  
Onde a Fé do meu Sonho se condensa!

Asas abertas

As asas da minh'alma estão abertas!  
Podes te agasalhar no meu Carinho,  
Abrigar-te de frios no meu Ninho  
Com as tuas asas trêmulas, incertas.

Tu'alma lembra vastidões desertas  
Onde tudo é gelado e é só espinho.  
Mas na minh'alma encontrarás o Vinho  
e as graças todas do Conforto certas.

Vem! Há em mim o eterno Amor imenso  
Que vai tudo florindo e fecundando  
E sobe aos céus como sagrado incenso.

Eis a minh'alma, as asas palpitando  
Com a saudade de agitado lenço

o segredo dos longes procurando...

Velho

Estás morto, estás velho, estás cansado!  
Como um sulco de lágrimas pungidas,  
Ei-las, as rugas, as indefinidas  
Noites do ser vencido e fatigado.

Envolve-te o crepúsculo gelado  
Onde vai soturno amortalhando as vidas  
Ante o responso em músicas gemidas  
No fundo coração dilacerado.

A cabeç pendida de fadiga,  
Sentes a morte taciturna e amiga  
Que os teus nervos círculos governa.

Estás velho, estás morto! Ó dor, delírio,  
Alma despedaçada de martírio,  
Ó desespero da Desgraça eterna!

Eternidade retrospectiva

Eu me recordo de já ter vivido,  
Mudo e só, por olímpicas Esferas,  
onde era tudo velhas primaveras  
E tudo um vago aroma indefinido.

Fundas regiões do Pranto e do Gemido  
Onde as almas mais graves, mais austeras  
Erravam como trêmulas quimeras  
Num sentimento estranho e comovido.

As estrelas, longínquas e veladas,  
Recordavam violáceas madrugadas,  
Um clarão muito leve de saudade.

Eu me recordo d'imaginativos  
Luares líriais, contemplativos  
Por onde eu já vivi na Eternidade!

Alma mater

Alma da Dor, do Amor e da Bondade,  
Alma purificada no Infinito,  
Perdão santo de tudo o que é maldito,  
Harpa consoladora da Saudade!

Das estrelas serena virgindade,

Alma sem um soluço e sem um grito,  
Da alta Resignação, da alta Piedade!  
Tu, que as profundas lágrimas estancas

E sabes levantar Imagens brancas  
No silencio e na sombra mais velada...

Derrama os lírios, os teus lírios castos,  
Em Jordões imortais, vastos e vastos,  
No fundo da minh'alma lacerada!

### O Coração

O coração é a sagrada pira  
Onde o mistério do sentir flameja.  
A vida da emoção ele a deseja  
como a harmonia as cordas de uma lira.

Um anjo meigo e cândido suspira  
No coração e o purifica e beija...  
E o que ele, o coração, aspira, almeja  
É o sonho que de lágrimas delira.

É sempre sonho e também é piedade,  
Doçura, compaixão e suavidade  
E graça e bem, misericórdia pura.

Uma harmonia que dos anjos desce,  
Que como estrela e flor e som floresce  
Maravilhando toda criatura!

### Invulnerável

Quando dos carnavais da raça humana  
Forem caindo as máscaras grotescas  
E as atitudes mais funambulescas  
Se desfizerem no feroz Nirvana;

Quando tudo ruir na febre insana,  
Nas vertigens bizarras, pitorescas  
De um mundo de emoções carnavalescas  
Que ri da Fé profunda e soberana,

Vendo passar a lúgubre, funérea  
Galeria sinistra da Miséria,  
Com as máscaras do rosto descoladas,

Tu que és o deus, o deus invulnerável,  
Reseiste a tudo e fica formidável,  
No Silêncio das noites estreladas!



## Lírio lutuoso

Essência das essências delicadas,  
Meu perfumoso e tenebroso lírio,  
Oh! dá-me a glória de celeste Empíreo  
Da tu'alma nas sombras encantadas.

Subindo lento escadas por escadas,  
Nas espirais nervosas do Martírio,  
Das Ânias, da Vertigem, do Delírio,  
Vou em busca de mágicas estradas.

Acompanha-me sempre o teu perfume,  
Lírio da Dor que o Mal e o Bem resumem,  
Estrela negra, tenebroso fruto.

Oh! dá-me a glória do teu ser nevoento  
para que eu possa haurir o sentimento  
Das lágrimas acerbas do teu luto!.

## A Grande Sede

Se tesn sede de Paz e d'Esperança,  
Se estás cego de Dor e de Pecado,  
Valha-te o Amor, ó grande abandonado,  
Sacia a sede com amor, descansa.

Ah! volta-te a esta zona fresca e mansa  
Do Amor e ficarás desafojado,  
Hás de ver tudo claro, iluminado  
Da luz que uma alma que tem fé alcança.

O coração que é puro e que é contrito,  
Se sabe ter doçura e ter dolência  
Revive nas estrelas do Infinito.

Revive, sim, fica imortal, na essência  
Dos Anjos paira, não desprende um grito  
E fica, como os Anjos, na Existência.

## Domus aurea

De bom amor e de bom fogo claro  
Uma casa feliz se acaricia...  
Basta-lhe luz e basta-lhe harmonia  
Para ela não ficar ao desamparo.

O Sentimento, quando é nobre e raro,  
Veste tudo de cândida poesia...

Um bem celestial dele irradia,  
Um doce bem, que não é parco e avaro.

Um doce bem que se derrama em tudo,  
Um segredo imortal, risonho e mudo,  
Que nos leva debaixo da sua asa.

E os nossos olhos ficam rasos d'água  
Quando, rebentos de uma oculta mágoa,  
São nossos filhos todo o céu da casa.

Um Ser

Um ser na placidez da Luz habita,  
Entre os mistérios inefáveis mora.  
Sente florir nas lágrimas que chora  
A alma serena, celestial, bendita.

Um ser pertence à música infinita  
Das Esferas, pertence à luz sonora  
Das estrelas do Azul e hora por hora  
Na Natureza virginal palpita.

Um ser sedenha das fatais poeiras,  
Dos miseráveis ouropéis mundanos  
E de todas as frívolas cegueiras...

Ele passa, atravessa entre os humanos,  
Como a vida das vidas forasteiras  
Fecundada nos próprios desenganos.

O Grande Sonho

Sonho profundo, ó Sonho doloroso,  
Doloroso e profundo Sentimento!  
Vai, vai nas harpas trêmula do vento  
Chorar o teu mistério tenebroso.

Sobe dos astros ao clarão radioso,  
Aos leves fluidos do luar nevoento,  
Às urnas de cristal do firmamento,  
Ó velho Sonho amargo e majestoso!

Sobe às estrelas rútilas e frias,  
Branças e virginais eucaristias  
De onde uma luz de eterna paz escorre.

Nessa Amplidão das Amplidões austeras  
Chora o Sonho profundo das Esferas  
Que nas azuis Melancolias morre...

Condenação fatal

Ó mundo, que és o exílio dos exílios,  
Um monturo de fezes putrefato,  
Onde seres vis circula nos concílios.

Onde de almas em pálidos idílios  
O lânguido perfume mais ingrato  
Magoa tudo e é triste como o tato  
De um cego embalde levantando os cílios.

Mundo de peste, de sangrenta fúria  
E de flores leprosas da luxúria,  
De flores negras, infernais, medonhas.

Oh! como são sinistramente feios  
Teus aspectos de fera, os teus meneios  
Pantéricos, ó Mundo, qu não sonhas!

[Alma ferida]

Alma ferida pelas negra lanças  
Da Desgraça, ferida do Destino,  
Alma,[a] que as amarguras tecem o hino  
Sombrio das cruéis desesperanças,

Não desças, Alma feita de heranças  
Da Dor, não desças do teu céu divino.  
Cintila como o espelho cristalino  
Das sagradas, serenas esperanças.

Mesmo na Dor espera com clemência  
E sobe à sideral resplandecência,  
Longe de um mundo que só tem peçonha.

Das ruínas de tudo ergue-te pura  
E eternamente, na suprema Altura,  
Suspira, sofre, cisma, sente, sonha!

Alma solitária

Ó alma doce e triste e palpitante!  
Que cítaras soluçam solitárias  
Pelas Regiões longínquas, visionárias  
Do teu Sonho secreto e fascinante!

Quantas zonas de luz purificante,  
Quantos silêncios, quantas sombras várias  
De esferas imortais imaginárias

Falam contigo, ó Alma cativante!

Que chama acende os teus faróis noturnos  
E veste os teus misteriosa taciturnos  
Dos esplendores do arco de aliança?

Por que és assim, melancolicamente,  
Como um arcanjo infante, adolescente,  
Esquecido nos vales da Esperança?!

Visionários

Armam batalhas pelo mundo adiante  
Os que vagam no mundos visionários,  
Abrindo as áureas portas de sacrários  
Do Mistério soturno e palpitante.

O coração flameja a cada instante  
Com brilho estranho, com fervores vários,  
Sente a febre dos bons missionários  
Da ardente catequese fecundante.

Os visionários vão buscar frescura  
De água celeste na cisterna pura  
Da Esperança, por horas nebulosas...

Buscam frescura, um outro novo encanto...  
E livres, belos através do pranto,  
Falam baixo com as almas misteriosas!

Demônios

A língua vil, ignívoma, purpúrea  
Dos pecados mortais bava e braveja,  
Com os seres impoluídos mercadeja,  
Mordendo-os fundo injúria por injúria.

É um grito infernal de atroz luxúria,  
Dor de danados, dor do Caos que almeja  
A toda alma serena que viceja,  
Só fúria, fúria, fúria, fúria, fúria!

São pecados mortais feitos hirsutos  
Demônios maus que os venenosos frutos  
Morderam com volúpia de quem ama...

Vermes da Inveja, a lesma verde e oleosa,  
Anões da Dor torcida e cancerosa,  
Abortos de almas a sangrar na lama!

## Ódio sagrado

Ó meu ódio, meu ódio majestoso,  
Meu ódio santo e puro e benfazejo,  
Unge-me a fronte com teu grande beijo,  
Torna-me humilde e torna-me orgulhoso.

Humilde, com os humildes generoso,  
Orgulhoso com os seres sem Desejo,  
Sem Bondade, sem Fé e sem lampejo  
De sol fecundador e carinhoso.

Ó meu ódio, meu lábaro bendito,  
Da minh'alma agitado no infinito,  
Através de outros lábaros sagrados.

Ódio são, ódio bom! sê meu escudo  
Contra os vilões do Amor, que infamam tudo,  
Das sete torres dos mortais Pecados!

## Exortação

Corpo crivado de sangrentas chagas,  
Que atravessas o mundo soluçando,  
Que as carnes vais ferindo e vais rasgando  
Do fundo d'Ilusões velhas e vagas.

Grande isolado das terrestres plagas,  
Que vives as Esferas contemplando,  
Braços erguidos, olhos no ar, olhando  
A etérea chama das Conquistas magas.

Se é de silêncio e sombra passageira,  
De cinza, desengano e de poeira  
Este mundo feroz que te condena,

Embora ansiosamente, amargamente  
Revela tudo o que tu'alma sente  
Para ela então poder ficar serena!

## Bondade

É a bondade que te faz formosa,  
Que a alma te diviniza e transfigura;  
É a bondade, a rosa da ternura,  
Que te perfuma com perfume à rosa.

Teu ser angelical de luz bondosa  
Verte em meu ser a mais sutil doçura,  
Uma celeste, límpida frescura,

Um encanto, uma paz maravilhosa.

Eu afronto contigo os vampirismos,  
Os corruptos e mórbidos abismos  
Que em vão busquem tentar-me no Caminho.

Na suave, na doce claridade,  
No consolo, de amor dessa bondade  
Bebo a tu'alma como etéreo vinho.

Na Luz

De soluço em soluço a alma gravita,  
De soluço em soluço a alma estremece,  
Anseia, sonha, se recorda, esquece  
E no centro da Luz dorme contrita.

Dorme na paz sacramental, bendita,  
Onde tudo mais puro resplandece,  
Onde a Imortalidade refloresce  
Em tudo, e tudo em cânticos palpita.

Sereia celestial entre as sereias,  
Ela só quer despedaçar cadeias,  
De soluço em soluço, a alma nervosa.

Ela só quer despedaçar algemas  
E respirar nas amplidões supremas,  
Respirar, respirar na Luz radiosa.

Cavador do Infinito

Com a lâmpada do Sonho desce aflito  
E sobe aos mundos mais imponderáveis,  
Vai abafando as queixas implacáveis,  
Da alma o profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo, escrito  
Sente, em redor, nos astros inefáveis.  
Cava nas fundas eras insondáveis  
O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava  
mais o Infinito se transforma em lava  
E o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho.  
E como seu vulto pálido e tristonho  
Cava os abismos das eternas ânsias!

## Santos óleos

Com os santos óleos de que vens ungido  
Podes andar no mundo sem receio.  
Quem veio para a Luz, por certo veio  
Para ser valoroso e ser temido.

Que tudo é em balde, tudo em vão, perdido  
Quando se traz esse divino anseio,  
Esse doce tranporte ou doce enleio  
Que deixa tudo e tudo confundido.

A Alma que comop a vela chega ao porto  
Sente o melhor, consolador conforto  
E a asa nas asas dos Arcanjos toca...

Os santos óleos são a luz guiadora  
Que vigia por ti na pecadora  
Terra e o teu mundo celestial evoca

## Sorriso interior

O ser que é ser e que jamais vacila  
Nas guerras imortais entra sem susto,  
Leva consigo esse brasão augusto  
Do grande amor, da nobre fé tranqüila.

Os abismos carnais da triste argila  
Ele os vence sem ânsias e sem custo...  
Fica sereno, num sorriso justo,  
Enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza  
Dão-lhe essa glória em frente à Natureza,  
Esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser tranforma tudo em flores...  
E para ironizar as próprias dores  
Canta por entre as águas do Dilúvio!

## Mealheiro de almas

Lá, das colheitas do celeste trigo,  
Deus ainda escolhe a mais louçã colheita:  
É a alma mais serena e mais perfeita  
Que ele destina conservar consigo.

Fica lá, livre, isenta de perigo,  
Tranqüila, pura, límpida, direita  
A alma sagrada que resume a seita

Dos que fazem do Amor eterno Abrigo.

Ele quer essas almas, os pães alvos  
Das aras celestiais, claros e salvos  
Da Terra, em busca das Esferas calmas.

Ele quer delas todo o amor primeiro  
Para formar o cândido mealheiro  
Que há de estrelar todo o Infinito de almas.

Espasmos...

Alma das gerações, alma lendária  
Que tens tanto de Hamlet, tanto de Ofélia,  
A candidez da rórida camélia  
E as lágrimas da Sede hereditária.

Alma dormente, tumultuosa, vária,  
Acorde de harpa misteriosa e célia,  
Virgindade selvagem de bromélia,  
Alma do Eleito, do Plebeu, do Pária.

És a chama do Amor, negro-vermelha,  
De onde rompeu a fúlgida centelha  
Que a Flor de fogo fez gerar no Dante.

Com teus espasmos e delicadezas,  
Nervosas e secretas sutilezas  
Enches todo este Abismo soluçante!

Evocação

Oh Lua voluptuosa e tentadora,  
Ao mesmo tempo trágica e funesta,  
Lua em fundo revolto de floresta  
E de sonho de vaga embaladora.

Lingue visão mortal e sedutora,  
Dos Vergéis sederais pálida giesta,  
Divindade sutil da morna sesta  
Da lasciva paixão fascinadora.

Flor fria, flor algente, flor gelada  
Do desconsolo e dos esquecimentos  
E do anseio, da febre atormentada.

Tu que soluças pelos céus nevoentos  
Longo soluço mágico de fada,  
Dá-me os teus doces acalentamentos!



No seio da Terra

Do pélago dos pélagos sombrios,  
Cá do seio da Terra, olhando as vidas,  
Escuto o murmurar de almas perdidas,  
Como o secreto murmurar dos rios.

Trazem-me os ventos negros calafrios  
E os loluços das almas doloridas  
Que têm sede das terras prometidas  
E morrem como abutres erradios.

As ânsias sobem, as tremendas ânsias!  
Velhices, mocidades e as infâncias  
Humana entre a Dor se despedaçam...

Mas, sobre tantos convulsivos gritos,  
Passam horas, espaços, infinitos,  
Esferas, gerações, sonhando, passam!

Anima mea

Ó minh'alma, ó minh'alma, ó meu Abrigo,  
Meu sol e minha sombra peregrina,  
Luz imortal que os mundos ilumina  
Do velho Sonho, meu fiel Amigo!

Estrada ideal de São Tiago, antigo  
Templo da minha fé casta e divina,  
De onde é que vem toda esta mágoa fina  
Que é, no entanto, consolo e que eu bendigo?

De onde é que vem tanta esperança vaga,  
De onde vem tanto anseio que me alaga,  
Tanta diluída e sempiterna mágoa?

Ah! de onde vem toda essa estranha essência  
De tanta misteriosa Transcendência  
Que estes olhos me dixam rasos de água?!

Sempre o Sonho

Para encantar os círculos da Vida  
É sre tranqüilo, sonhador, confiante,  
Sempre trazer o coração radiante  
Como um rio e rosais junto de ermida.

Beber na vinha celestial, garrida  
Das estrelas o vinho flamejante  
E caminhar vitorioso e ovante

Como um deus, com a cabeça enfiada.

Sorrir, amar para alargar os mundos  
Do Sentimento e para ter profundos  
Momentos de momentos soberanos.

Para sentir em torno à terra ondeando  
Um sonho, sempre um sonho além rolando  
Vagas e vagas de imortais oceanos.

Aspiração suprema

Como os cegos e os nus pede um abrigo  
A alma que vive a tiritar de frio.  
Lembra um arbusto frágil e sombrio  
Que necessita do bom sol amigo.

Tem ais de dor de trêmulo mendigo  
Oscilante, sonâmbulo, erradio.  
É como um ténue, cristalino fio  
D'estrelas, como etéreo e louro trigo.

E a alma aspira o celestial orvalho,  
Aspira o céu, o límpido agasalho,  
sonha, deseja e anseia a luz do Oriente...

Tudo ela inflama de um estranho beijo.  
E este Anseio, este Sonho, este Desejo  
Enche as Esferas soluçadamente.

Inefável!

Nada há que me domine e que me vença  
Quando a minh'alma mudamente acorda...  
Ela rebenta em flor, ela transborda  
Nos alvoroços da emoção imensa.

Sou como um Réu de celestial Sentença,  
Condenado do Amor, que se recorda  
Do Amor e sempre no Silêncio borda  
D'estrelas todo o céu em que erra e pensa.

Claros, meus olhos tornam-se mais claros  
E tudo vejo dos encantos raros  
E de outra mais serenas madrugadas!

todas as vozes que procuro e chamo  
Ouço-as dentro de mim, porque eu as amo  
Na minh'alma volteando arrebatadas!

## Ser dos Seres

No teu ser de silêncio e d'esperança  
A doce luz das Amplidões flameja.  
Ele sente, ele aspira, ele deseja  
A grande zona da imortal Bonança.

Pelos largos espaços se balança  
Como a estrela infinita que dardeja,  
Sempre isento da Treva que troveja  
O clamor inflamado da Vingança.

Por entre enlevos e deslumbramentos  
Entra na Força astral dos Sentimentos  
E do Poder nos mágicos poderes.

E traz, embora os íntimos cansaços,  
Ânsias secretas para abrir os braços  
Na generosa comunhão dos Seres!

## Sexta-Feira Santa

Lua absíntica, verde, feiticeira,  
Pasmada como um vício monstruoso...  
Um cão estranho fuça na esterqueira,  
Uivando para o espaço fabuloso.

É esta a negra e santa Sexta-Feira!  
Cristo está morto, como um vil leproso,  
Chagado e frio, na feroz cegueira  
Da morte, o sangue roxo e tenebroso.

A serpente do mal e do pecado  
Um sinistro veneno esverdeado  
Verte do Morto na mudez serena.

Mas da sagrada Redenção do Cristo,  
Em vez do grande Amor, puro, imprevisto,  
Brotam fosforescências de gangrena!

## Sentimento esquisito

Ó céu estéril dos desesperados,  
Forma impassível de cristas sidéreo,  
Dos cemitérios velho cemitério  
Onde dormem os astros delicados.

Pátria d'estrelas dos abandonados,  
Casulo azul do anseio vago, aéreo,  
Formidável muralha de mistério

Que deixa os corações desconsolados.

Céu imóvel milênios e milênios,  
Tu que iluminas a visão dos Gênios  
E ergues das almas o sagrado acorde.

Céu estéril, absurdo, céu imoto,  
Faz dormir no teu seio o Sonho ignoto,  
Esta serpente que alucina e morde...

Clamor supremo

Vem comigo por estas cordilheiras!  
Põe teu manto e bordão e vem comigo,  
Atravessa as montanhas sobranceiras  
E nada temas do mortal Perigo!

Sigamos para as guerras condoreiras!  
Vem, resoluto, que eu irei contigo  
Dentre as Águias e as chamas feiticeiras,  
Só tendo a Natureza por abrigo.

Rasga florestas, bebe o sangue todo  
Da Terra e transfigura em astros lodo,  
O próprio lodo torna mais fecundo.

Basta trazer um coração perfeito,  
Alma de eleito, Sentimento eleito  
Para abalar de lado a lado o mundo!

Ansiedade

Esta ansiedade que nos enche o peito  
Enche o céu, enche o mar, fecunda a terra.  
Ela os germens puríssimos encerra  
Do Sentimento límpido, perfeito.

Em jorros cristalinos o direito,  
A paz vencendo as convulsões da guerra,  
A liberdade que abre as asas e erra  
Pelos caminhos do Infinito eleito.

Tudo na mesma ansiedade gira,  
Rola no Espaço, dentre a luz suspira  
E chora, chora, amargamente chora...

Tudo nos turbilhões da Imensidade  
Se confunde na trágica ansiedade  
Que almas, estrelas, amplidões devora.

## Grande Amor

Grande amor, grande amor, grande mistério  
Que as nossas almas trêmulas enlaça...  
Céu que nos beija, céu que nos abraça  
Num abismo de luz profundo e sério.

Eterno espasmo de um desejo etéreo  
E bálsamo dos bálsamos da graça,  
Chama secreta que nas almas passa  
E deixa nelas um clarão sidéreo.

Cântico de anjos e de arcanjos vagos  
Junto às águas sonâmbulas de lagos,  
Sob as claras estrelas desprendido...

Selo perpétuo, puro e peregrino  
Que prende as almas num igual destino,  
Num beijo fecundado num gemido.

## Silêncios

Largos Silêncios interpretativos,  
Adoçados por funda nostalgia,  
Balada de consolo e simpatia  
Que os sentimentos meus torna cativos.

Harmonia de doces lenitivos,  
Sombra, segredo, lágrima, harmonia  
Da alma serena, da alma fugidia  
Nos seus vagos espasmos sugestivos.

Ó Silêncios! ó cândidos desmaios,  
Vácuos fecundos de celestes raios  
De sonhos, no mais límpido cortejo...

Eu vos sinto os mistérios insondáveis,  
Como de estranhos anjos inefáveis  
O glorioso esplendor de um grande beijo!

## A Morte

Oh! que doce tristeza e que ternura  
No olhar ansioso, aflito dos que morrem...  
De que âncoras profundas se socorrem  
Os que penetram nessa noite escura!

Da vida aos frios véus da sepultura  
Vagos momentos trêmulos decorrem...  
E dos olhos as lágrimas escorrem

Como faróis da humana Desventura.

Descem então aos golfos congelados  
Os que na terra vagam suspirando,  
Com os velhos corações tantalizados.

Tudo negro e sinistro vai rolando  
Báratro abaixo, aos ecos soluçados  
Do vendaval da Morte ondeando, uivando...

Só!

Muito embora as estrelas do Infinito  
Lá de cima me acenem carinhosas  
E desça das esferas luminosas  
A doce graça de um clarão bendito;

Embora o mar, como um revel proscrito,  
Chame por mim nas vagas ondulosas  
E o vento venha em cóleras medrosas  
O meu destino proclamar num grito,

Neste mundo tão trágico, tamanho,  
Como eu me sinto fundamentalmente estranho  
E o amor e tudo para mim avaro...

Ah! como eu sinto compungidamente,  
Por entre tanto horror indiferente,  
Um frio sepulcral de desamparo!

Fruto envelhecido

Do coração no envelhecido fruto  
É só desolação e é só tortura.  
O frio soluçante da amargura  
Envolve o coração num fundo luto.

O fantasma da Dor pérfido e astuto  
Caminha junto a toda a criatura.  
A alma por mais feliz e por mais pura  
Tem de sofrer o esmagamento bruto.

É preciso humildade, é necessário  
Fazer do coração branco sacrário  
E a hóstia elevar do Sentimento eterno.

Em tudo derramar o amor profundo,  
Derramar o perdão no caos do mundo,  
Sorrir ao céu e bendizer o Inferno!

## Êxtase búdico

Abre-me os braços, Solidão profunda,  
Reverência do céu, solenidade  
Dos astros, tenebrosa majestade,  
Ó planetária comunhão fecunda!

Óleo da noite, sacrossanto, inunda  
Todo o meu ser, dá-me essa castidade,  
As azuis florescências da saudade,  
Graça das graças imortais oriunda!

As estrelas cativas no teu seio  
Dão-me um tocante e fugitivo enleio,  
Embalam-me na luz consoladora!

Abre-me os braços, Solidão radiante,  
Funda, fenomenal e soluçante,  
Larga e búdica Noite Redentora!

## Triunfo supremo

Quem anda pelas lágrimas perdido,  
Sonâmbulo dos trágicoa flagelos,  
É quem deixou para sempre esquecido  
O mundo e os fúteis ouropéis mais belos!

É quem ficou no mundo redimido,  
Expurgado dos vícios mais singelos  
E disse a tudo o adeus indefinido  
E despreendeu-se dos carnais anelos!

É quem entrou por todas as batalhas  
As mãos e os pés e o flanco ensangüentado,  
Amortalhado em todas as mortaldas.

Quem florestas e mares foi rasgando  
E entre raios, pedradas e metralhas,  
Ficou gemendo mas ficou sonhando!

Assim seja!

Fecha os olhos e morre calmamente!  
Morre sereno do Sever cumprido!  
Nem o mais leve, nem um só gemido  
Traia, sequer, o teu Sentir latente.

Morre com alma leal, clarividente,  
Da crença errando no Vergel florido  
E o Pensamento pelos céus, brandido

Como um gládio soberbo e refulgente.

Vai abrindo sacrário por sacrário  
Do teu sonho no Templo imaginário,  
Na hora glacial da negra Morte imensa...

Morre com o teu Dever! Na alta confiança  
De quem triunfou e sabe que descansa  
Desdenhando de toda a Recompensa!

Renascimento

A Alma não fica inteiramente morta!  
Vagas Ressurreições do Sentimento  
Abrem já, devagar, porta por porta,  
Os palácios reais do Encantamento!

Morrer! Findar! Desfalecer! que importa  
Para o secreto e fundo movimento  
Que a alma transporta, sublimiza e exorta,  
Ao grande Bem do grande Pensamento!

Chamas novas e belas vão raiando,  
Vão se acendendo os límpidos altares  
E as almas vão sorrindo e vão orando...

E pela curva dos longínquos ares  
Ei-las que vêm, como o imprevisto bando  
Dos albatrozes dos estranhos mares...

Pacto das Almas (A Nestor Vítor Por Devotamento e Admiração. Cruz e Sousa. 12/10/1897>

(I) Para Sempre!

Ah! para sempre! para sempre! Agora  
Não nos separaremos nem um dia...  
Nunca mais, nunca mais, nesta harmonia  
Das nossas almas de divina aurora.

A voz do céu pode vibrar sonora  
Ou do Inferno a sinistra sinfonia,  
Que num fundo de astral melancolia  
Minh'alma com a tu'alma goza e chora.

Para sempre está feito o augusto pacto!  
Cegos serenos do celeste tacto,  
Do Sonho envoltas na estrelada rede.

E perdidas, perdidas no Infinito  
As nossas almas, no Clarão bendito,



Hão de enfim saciar toda esta sede...

Pacto das Almas (A Nestor Vítor Por Devotamento e Admiração. Cruz e Sousa. 12/10/1897>

(II) Longe de tudo

É livre, livre desta vã matéria,  
Longe, nos claros astros peregrinos  
Que havereemos de encontrar os dons divinos  
E a grande paz, a grande paz sidérea.

Cá nesta humana e trágica miséria,  
Nestes surdos abismos assassinos  
Termos de colher de atros destinos  
A flor apodrecida e deletéria.

O baixo mundo que troveja e brama  
Só nos mostra a caveira e só a lama,  
Ah! só a lama e movimentos lassos...

Mas as almas irmãs, almas perfeitas,  
Hão de trocar, nas Regiões eleitas,  
Largos, profundos, imortais abraços!

Pacto das Almas (A Nestor Vítor Por Devotamento e Admiração. Cruz e Sousa. 12/10/1897>

(III) Alma da Almas

Alma da almas, minha irmã gloriosa,  
Divina irradiação do Sentimento,  
Quando estarás no azul Deslumbramento,  
Perto de mim, na grande Paz radiosa?!

Tu que és a lua da Mansão de rosa  
Da Graça e do supremo Encantamento,  
O círio astral do augusto Pensamento  
Velando eternamente a Fé chorosa,

Alma das almas, meu consolo amigo,  
Seio celeste, sacrossanto abrigo,  
Serena e constelada imensidade,

Entre os teus beijos de eteral carícia,  
Sorrindo e soluçando de delícia,  
Quando te abraçarei na Eternidade?!